



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE GEOGRAFIA**

JOANDERSON KERLLY GOMES DE SOUTO

**A PERCEPÇÃO DE RURALIDADES NO CONJUNTO ÁLVARO GAUDÊNCIO
PELOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO: O CASO DO COLÉGIO ALICE
COUTINHO EM CAMPINA GRANDE/PB**

**CAMPINA GRANDE – PB
2017**

JOANDERSON KERLLY GOMES DE SOUTO

A PERCEPÇÃO DE RURALIDADES NO CONJUNTO ÁLVARO GAUDÊNCIO PELOS
ALUNOS DO ENSINO MÉDIO: O CASO DO COLÉGIO ALICE COUTINHO EM
CAMPINA GRANDE/PB

Monografia apresentada a Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial para a obtenção do título de Graduação em Nome do Curso de licenciatura em Geografia.

Orientadora: Prof.^a Ms. Angélica Mara de Lima Dias

CAMPINA GRANDE
2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

J726p Souto, Joanderson Kerly Gomes de
A percepção de ruralidades no conjunto Álvaro Gaudêncio pelos alunos do ensino médio: o caso do colégio Alice Coutinho em Campina Grande/PB [manuscrito] / Joanderson Kerly Gomes de Souto. - 2017.
37 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em GEOGRAFIA) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.
"Orientação: Prof. Me. Angélica Mara de Lima Dias, Departamento de Geografia".

1. Ruralidades 2. Espaço geográfico 3. Ensino de Geografia
I. Título.

21. ed. CDD 381

JOANDERSON KERLLY GOMES DE SOUTO

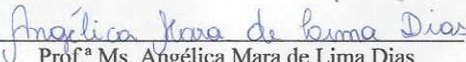
A PERCEPÇÃO DE RURALIDADES NO CONJUNTO ÁLVARO GAUDÊNCIO PELOS
ALUNOS DO ENSINO MÉDIO: O CASO DO COLÉGIO ALICE COUTINHO EM
CAMPINA GRANDE/PB

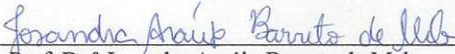
Monografia apresentada a Universidade Estadual
da Paraíba – UEPB, como requisito parcial para a
obtenção do título de Graduação em Nome do
Curso de licenciatura em Geografia.


Orientadora: Prof.^a Ms. Angélica Mara de
Lima Dias

Aprovada em: 13/02/2014.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Ms. Angélica Mara de Lima Dias
Universidade Estadual da Paraíba
Orientadora


Prof. Dr.^a Josandra Araújo Barreto de Melo
Universidade Estadual da Paraíba
Examinadora Interna


Prof. Dr. Luiz Eugênio Pereira Carvalho
Universidade Federal de Campina Grande
Examinador externo

AGRADECIMENTOS

Ao Deus mantenedor da minha vida, Criador da Terra e tudo que aqui contém, toda honra e glória para todo o sempre. Gratidão ao Senhor por me colocar num lar onde a família preza pelo companheirismo e pela caminhada em conjunto.

Ao meu pai João Augusto de Souto, que foi exemplo no trato com os estudos, e fomentador de ideias. Ajudou na minha manutenção educacional, e sempre prezou pelo melhor para eu e minhas irmãs. A minha mãe Vera Lúcia Gomes de Souto, minha primeira professora, e que até hoje me ensina com seu próprio exemplo, o que é ser um homem melhor e um cristão exemplar.

As minhas irmãs, Vâmylla e Valkênia, que de forma ímpar foram minhas companheiras durante essa caminhada, sempre me incentivando e dividindo os materiais de estudo comigo.

Aos meus amigos e companheiros da vida, que de maneira direta ou indireta, são agentes do modo como sou visto hoje.

Aos professores que fizeram parte da minha vida enquanto discente, que me ajudaram na construção do conhecimento não deixando de lado o conhecimento empírico, desde minha mãe, primeira professora, até os professores do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba. A toda junta de funcionários que compõem o departamento de Geografia da UEPB, e também, os que fazem parte da instituição como um todo.

Aos colegas de curso, que com o tempo se tornaram verdadeiros companheiros e amigos da vida, sempre partilhando conhecimentos e questões, estando sempre dispostos a ajudar. Em particular, Maria Alana de Souza Silva, grande amiga que me acompanhou durante o segundo e terceiro grau.

Em especial, gratidão a minha orientadora, professora Ms. Angélica Mara de Lima Dias, que fazendo jus ao seu nome de batismo, apareceu na minha vida no momento certo somente pra crescer os meus estudos voltados para a ciência geográfica, sendo gentil, solícita, e muito amável. Pelo direcionamento que deu à pesquisa, tão primordial para aproveitar ao máximo as minhas potencialidades.

Por último, porém não menos importante, agradeço a professora e amiga, Larissa Marcelly Farias Almeida, que de maneira indescritível acompanhou e foi parceira na construção do desenvolvimento dos meus estudos no terceiro grau, e em especial, no trabalho de conclusão de curso.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: Mostra de mancha rural localizada no Conjunto Álvaro Gaudêncio - 2016

FIGURA 2: Localização das Malvinas e sua delimitação – 2005

FIGURA 3: Localização do Conjunto Álvaro Gaudêncio em relação a planta de Campina Grande - 2016

FIGURA 4: Localização Geográfica de Campina Grande em relação a região Nordeste e ao estado da Paraíba –2016

FIGURA 5:Localização Geográfica do Colégio Alice Coutinho em Campina Grande – 2016

FIGURA 6:Vista parcial do Colégio Alice Coutinho – 2016

FIGURA 7:Alunos do segundo ano do ensino médio do Colégio Alice Coutinho – 2016

FIGURA 8: José Marques Pereira. Senhor que há mais tempo trabalha com agricultura nas manchas rurais do Conjunto Álvaro Gaudêncio – 2016

GRÁFICO 1: Elucidativo a respeito da indagação de número um do questionário feito na pesquisa - 2016

GRÁFICO 2: Elucidativo a respeito da indagação de número dois do questionário feito na pesquisa - 2016

LISTA DE SIGLAS

- . AGB: Associação de Geógrafos do Brasil
- . CAC: Colégio Alice Coutinho
- . Cehap: Companhia Estadual de Habitação Popular
- . CHESF: Companhia Hidrelétrica do São Francisco
- . IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas
- . IFPB: Instituto Federal da Paraíba
- . PCN: Parâmetros Curriculares Nacionais
- . UEPB: Universidade Estadual da Paraíba
- . UFCG: Universidade Federal de Campina Grande
- . Unesco: Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura
- . Unicef: Fundo das Nações Unidas para a Infância.

RESUMO

Conhecer e entender o espaço no qual se está inserido, procurando focar nas ruralidades vivenciadas no Conjunto Álvaro Gaudêncio, a partir do diálogo com os alunos do ensino médio do Colégio Alice Coutinho, é a aspiração maior deste trabalho. Compreendendo da grande complexidade do espaço geográfico, bem como dos empecilhos em delimitar o que urbano e o que não é, o presente trabalho procura mostrar os fundamentos da relação rural/urbano. Se faz preponderante identificar as razões pelas quais essas características são próprias dessa comunidade localizada na zona oeste da cidade de Campina Grande, interior do estado da Paraíba. Nessa conjuntura é que se pesquisou o contexto histórico do bairro, particularidades adquiridas a partir do trato da população com o espaço no qual estão fixados, vivência dos alunos e relação com a temática em sala de aula no âmbito do ensino de Geografia, ou sua falta. Não obstante, verificar a vivência dos pequenos proprietários de terra e as atividades que eles exercem nas terras antes ociosas, também se fez importante para obtenção de um melhor resultado na pesquisa.

Palavras-chave: Ruralidades. Rural. Urbano. Ensino de Geografia.

ABSTRACT

To know and understand the space in which one is inserted, seeking to focus on the ruralities experienced in the Conjunto Álvaro Gaudêncio, through dialogue with the students of Colégio Alice Coutinho, is the greatest aspiration of this work. Comprehending the great complexity of the geographical space, as well as the obstacles to delimiting what is urban and what is not, this article seeks to show the foundations of the rural / urban relationship. It is preponderant to identify the reasons for which these characteristics belong to this community located in the western zone inland the city of Campina Grande, in the state of Paraíba. In this context, we researched the historical context of the neighborhood, particularities acquired through the treatment of the population with the space in which they are fixed, the students' experience and with or without to with the theme in the classroom within the scope of geography teaching. Nevertheless, to verify the experience of the small landowners and the activities that they perform in the previously idle lands, also became important for obtaining a better result from the research.

Key words: Ruralities. Rural. Urban. Geography Teaching.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1- MEMÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO E ENSINO DE GEOGRAFIA.....	11
1.1 – A Geografia enquanto ciência e sua institucionalização.....	11
1.2 – O Ensino de Geografia e a sua adequação para o local.....	14
1.3 – Ensino de Geografia e as ruralidades.....	15
2- ENFOQUES TEÓRICOS A RESPEITO DO RURAL E O URBANO.....	18
2.1 - Rural e Urbano: Definições.....	18
2.2 – O que Significa Ruralidades.....	19
2.3 – As Ruralidades vivenciadas no Conjunto Álvaro Gaudêncio.....	21
3 – O CONJUNTO ÁLVARO GAUDÊNCIO E SUAS RURALIDADES.....	23
3.1 – Localização Geográfica da Área de Estudo.....	23
3.2 – Localização Geográfica de Campina Grande no Estado da Paraíba.....	26
3.3 – Colégio Alice Coutinho.....	28
3.4 – Como é debatido o tema ruralidades no Colégio Alice Coutinho.....	30
3.5 – Qual a importância de estudar esse tema?	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	36

INTRODUÇÃO

Normalmente, a dicotomia rural-urbano/campo-cidade expõe o conceito de rural como contrário ao que seria o urbano, mostrando o primeiro como marco de atraso e pouco dinâmico, enquanto o urbano é exemplificado como desenvolvido e eficaz. Contudo, essa máxima vem mostrando ser falha, posto que, cada um com suas peculiaridades têm suas potencialidades e lacunas. Com o advento da globalização cada vez mais forte, o rural e urbano divergem cada vez menos entre si, provocando assimilações, ou até se inserindo um no outro.

As ruralidades observadas no Conjunto Álvaro Gaudêncio, zona oeste da cidade de Campina Grande, no estado da Paraíba, exemplificam o fato de que há muito do rural dentro do urbano, e, por isso, provocam as especificidades encontradas nessa área. Observá-las, se torna preponderante para reconhecimento e assimilação de determinada população, a qual mostrará suas singularidades e questões próprias.

O estreitamento com a instituição de ensino, que me acolheu durante nove anos, sendo norteadora na futura carreira que iria escolher, a vivência no bairro das Malvinas por cerca de dezenove anos até os dias atuais, e a observação a respeito das peculiaridades encontradas no conjunto Álvaro Gaudêncio a respeito das ruralidades, foram de total importância para a escolha e interesse pelo tema do trabalho aqui debatido, tornando-o ainda mais íntimo para a minha vida.

A busca pelo entendimento das manchas rurais localizadas na zona oeste do município de Campina Grande diante da perspectiva de pessoas que vivenciam essa dinâmica concomitantemente faz-se preciso para uma melhor absorção do significado da mesma. Tomando como campo de pesquisa alunos do Colégio Alice Coutinho, escola privada de ensino, localizada na mesma zona das ruralidades, a sua visão será termômetro pra apontar a temática em sala de aula e sua relevância enquanto objeto de pesquisa, juntando com depoimentos dos agentes que trabalham nas ruralidades e as mantêm como fonte de renda e vida.

Se fazendo pertinente a discussão sobre o ensino de Geografia nos dias atuais, o trabalho vem fomentar quais as falhas encontradas na educação brasileira, questionando os motivos que levaram a tais características, não deixando de lado a história do pensamento geográfico, como também, em específico as questões de ensino e ruralidades no mesmo âmbito.

Primeiramente foram realizados levantamentos bibliográficos pautados com a dinâmica do rural/urbano, campo/cidade e a metodologia da pesquisa foi disposta de maneira qualitativa, por meio de questionários feitos com os alunos do ensino médio do Colégio Alice Coutinho, totalizando 96 discentes, como também, professores da disciplina de Geografia, e entrevista com 6 dos donos de algumas das áreas com atividade rural na comunidade. Como objetivo geral, procura-se evidenciar o modo de vida e as interações sociais a partir da percepção dos discentes do Colégio Alice Coutinho.

Essa pesquisa tem como objetivos específicos:

1. Identificar os fenômenos influenciadores para existência das ruralidades no Conjunto Álvaro Gaudêncio;
2. Ressaltar os elementos da paisagem desse mesmo local reveladores das ruralidades;
3. Caracterizar as particularidades socioespaciais dentro do meio urbano dessa comunidade.

Conhecendo a tamanha complexidade do espaço geográfico, e não eximindo as dificuldades para designar o rural e o urbano, o presente trabalho procura expor a relação mais estreita entre os dois antes citados, levando em importância a percepção dos atuantes que fazem parte do meio estudado.

1 – MEMÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO E ENSINO DE GEOGRAFIA

1.1 – A GEOGRAFIA ENQUANTO CIÊNCIA E SUA INSTITUCIONALIZAÇÃO

O saber geográfico vem de uma longa data, tecendo sua história em consonância com a própria vivência da humanidade, tendo registros unidos com o pensamento grego, como Martins (2005, p. 1) disserta,

As raízes históricas dos estudos da Geografia são antigas, visto que estão ligadas ao pensamento grego. Na antiguidade, a Geografia compunha um saber vinculado à filosofia, às ciências da natureza e à matemática, assim permanecendo até o final do século XVIII. A expansão do capitalismo e o desenvolvimento comercial e industrial do século XIX contribuíram para que a Geografia se tornasse uma ciência autônoma, com um conhecimento específico.

Portanto, não há como calcular idade para o surgimento da Geografia, contudo, enquanto ciência, ela surge na Europa na segunda metade do século XIX, e como disciplina trabalhada nas universidades, primeiro na Alemanha e logo após na França. Tem como precursores nestes países, Alexandre Von Humbolt e Carl Ritter.

Ao longo dos anos, a Geografia passou por vários caminhos até se consolidar no que é designada hoje. O que no início se delimitava somente no determinismo e na linearidade dos episódios, dando uma conotação de apenas memorizar o que for passado, foi sendo agregada à compreensão dialética das relações, o que permitiu progressos significativos, posto que a paisagem, passou a ser observada a partir do arrolamento entre sociedade e natureza, dando um caráter humanístico à disciplina.

O ensino da ciência geográfica moderna impetra uma compreensão tradicional, de apoio teórico positivista, corrobora uma Geografia segmentada, que privilegia o quadro natural, abole o sujeito e se pondera imparcial. Vlach (1992, p. 43) diz que “ao privilegiar a terra, o ensino de Geografia caminhou ao encontro da metodologia positivista, na medida em que não trabalhou as contradições sociais”.

Todavia, a Geografia julgada como Tradicional não foi apenas Positivista. Reduzir a discussão sobre os caminhos que permearam a construção dessa ciência apenas ao positivismo, exclui características basilares da Geografia. Vesentini (1987, p. 63), diz:

Foi a Geografia Tradicional como um todo realmente positivista nessa acepção de escola de pensamento inaugurada por Comte? Temos que convir que não: foram escassos na Geografia os discípulos do fundador do Positivismo (Humboldt e Ritter, por exemplo, nunca fizeram referência a esse pensador francês; suas fontes teóricas

estão mais para Kant e Herder, além do romantismo alemão de Novalis, Schelling, De Maistre e Fichte) (...) tendo existido casos de geógrafos (raro é verdade – dois exemplos são R. Hartshorne e Paul Claval) idealistas ou racionalistas, que foram portanto antípodas em relação ao empirismo.

No Brasil, a Geografia teve seu início, no currículo oficial enquanto disciplina autônoma, no século XIX, primeiramente no Colégio Pedro II, na cidade do Rio de Janeiro, depois foi sendo aliado ao currículo oficial das demais instituições de ensino presentes no território nacional até então.

Como Cavalcanti diz (1998, p. 18), “a introdução da disciplina no referido momento histórico teve como objetivo a formação de cidadãos a partir da difusão da ideologia do nacionalismo patriótico.” Desta forma, a autora fala que a disciplina geográfica compreendia-se como uma forma de estudo voltada para transferência de informações e/ou dados. Ou seja, a mesma era trabalhada de forma superficial e tão somente acrítica, acontecimento que marcou o início da Geografia no país.

Significantes mudanças quanto ao suporte da Geografia no Brasil só foram vistas na segunda metade do século XX, mais precisamente no período da ditadura militar que foi de 1964 a 1985, como Martins (2005, p. 4) mostra que

O debate interno em torno da reformulação do ensino e da reorganização do processo educativo acadêmico escolar, estimulado pelos meios educacionais e tornado possível a partir do processo de abertura política no final da década de 1970 e início de 1980, propiciou espaços de mudanças significativas no campo das ciências e, particularmente, no da Geografia, que nos interessa investigar.

As preocupações em torno da educação no Brasil eram presentes e sofriam pressão, inclusive, externa. Órgãos internacionais, como o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (Unesco), aliaram-se ao governo federal para imputar reformas para uma melhor qualidade na performance educacional nacional, no que diz respeito à pesquisas que tratavam do assunto.

Ainda nesse sentido, voltada especificamente para o crescimento e qualidade da Geografia no Brasil, a Associação dos Geógrafos do Brasil (AGB), promovia encontros que colaboraram para o movimento de mudanças no ensino de Geografia, o que se tornou mais fácil a partir da década de 1980, quando ocorreu o processo de redemocratização do país.

Cavalcanti (1998, p. 85), assegura que as reformulações da ciência geográfica enquanto “conjunto de reflexões mais gerais sobre os fundamentos epistemológicos,

ideológicos e políticos” induziram a mudanças relevantes no âmbito do ensino da Geografia, acrescentando a esta elementos importantes.

Nas décadas de 1980 e 1990 apareceram movimentos reivindicatórios que batalhavam pelo fim das licenciaturas curtas e plenas em Estudos Sociais – que abarcava a História e Geografia – em todos os estados da federação, e pela redistribuição dos conteúdos e da carga horária dada as ciências da Geografia e História. Contudo, ao passo que esses movimentos se agitavam na luta por um novo projeto de ensino, surgiram pontos de aversão, constituídos por educadores que apoiaram a institucionalização dos Estudos Sociais nas Academias oficiais do Brasil.

Na conjuntura atual, principalmente nos últimos anos, a atribuição prestada ao desenvolvimento das competências relacionadas ao ser humano, está ficando um pouco à margem do que é pretendido pela educação brasileira. Pensar numa disciplina de forma menos automática se tornou algo utópico, obsoleto, afinal

Sabemos que atualmente, em um contexto geral, as escolas brasileiras não têm como objetivo principal desenvolver o ensino com caráter humanístico, visando à formação de um cidadão crítico, mas sim, voltado para provas que irão inserir os alunos em uma Universidade, como o vestibular tradicional. Com isso, muitas vezes, o ensino torna-se mecânico, o que frequentemente (e evidentemente) desestimula os alunos. (SANTOS; ALMEIDA, 2015, p.124)

Na época presente, o ensino de Geografia que abarca todas as escolas brasileiras, guia-se pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), determinados na conjuntura da reforma do sistema educacional da década de 1990, que se estabelecem como ponto de menção para a preparação do currículo das Secretarias de Educação e das escolas.

O documento tem como característica, questionar as rótulas de ensino tradicionais da Geografia, e faz uma menção aos títulos humanísticos. Ele fala que o homem como principal indivíduo do espaço geográfico, por meio da percepção espacial que marca os seus laços afetivos e as suas alusões socioculturais, na esfera da apreensão do espaço habitado e do espaço percebido pelos sujeitos, grupos e sociedades, num olhar subjetivista. Ainda segundo o documento, “[...] as percepções, as vivências e a memória dos indivíduos e dos grupos sociais são, portanto, elementos importantes na constituição do saber geográfico” (BRASIL, 2001, p.110).

Levando em consideração a relevância dos Parâmetros Curriculares Nacionais, se faz pertinente a leitura apurada do mesmo pelos professores, com a intenção de realizarem

reflexões mais críticas sobre os seus alicerces, a fim de ocasionar nova prática na Geografia Escolar.

1.2 O ENSINO DE GEOGRAFIA E A SUA ADEQUAÇÃO PARA O LOCAL

A análise de dados gerais com o intuito de trazer para o local é imprescindível para o ensino de Geografia. Assimilar determinada proposta de conteúdo ou tema a partir da vivência do discente faz com que o mesmo tenha mais prioridade para debater o assunto, e assim, apreendê-lo.

O local como alvo do ensino da Geografia para a educação básica tem estado cada vez mais presente nas discussões que contribuem para um melhoramento das práticas vigentes em sala de aula. Callai (2003) lembra, contudo, que não se trata de evidenciar o lugar somente como uma referência local mas como uma escala de análise indispensável para se compreender os acontecimentos que acontecem no mundo, mas incidem temporal e territorialmente nesse lugar. Trazer esses fenômenos como assunto geográfico é entendê-los a partir do local do discente, da sua vivência, o que proporciona maior estreitamento entre os alunos com os conteúdos.

O global muitas vezes encarado como meio falado, de relações, procedimentos, estruturas, tem distinções únicas em cada lugar; todavia, esse lugar não deve ser apreendido em sua totalidade se não for feita uma articulação da sua significação com o que vem a ser sua totalidade. Contudo

Com a abordagem multiescalar, busca-se superar o tratamento dicotômico e excludente dos fenômenos em sua escala local ou global, como se uma dimensão não tivesse a ver com a outra. Pretende-se também suplantiar a conhecida abordagem dos círculos concêntricos, que vai do local ao global, do mais imediato do aluno ao mais distante, praticada tradicionalmente nos anos iniciais do ensino fundamental. (CAVALCANTI, 2010, p.7)

Questionamentos feitos a essa abordagem são fomentados desde o final do século XX, apesar de que não se possa confirmar que essa prática já tenha sido superada. Essa tal superação sugere focar o lugar de vivência comum dos alunos (bairro, escola) e ao mesmo tempo, trabalhar desde o início a conceituação que o espaço que ela vivencia, contempla também, a produção de espaços maiores.

Ao longo dos anos, a Geografia foi encarada como disciplina de menor importância nas escolas pelos alunos que a estudavam como componente obrigatório dos currículos

nacionais. Straforini (2008) debate o tema, e diz que uma das justificativas para tal postura, é que não haveria caminhos prontos para se buscar inserir o ensino de Geografia no contexto político educacional brasileiro. Contudo, ele não limita os problemas da educação básica na falta de infraestruturas e de recursos didáticos nas escolas.

Pensar em como trabalhar especialmente determinado conteúdo, retoma àquela preocupação de, minuciosamente, instruir os alunos e por conseguinte, ter aquele afeto pela disciplina e pelo que está fazendo. Abrangendo pra todas as áreas de ensino, Gadotti (2003, p. 7) discursa que

Certamente, para o professor ter êxito nessa sociedade aprendente, o professor, a professora, precisam ter clareza sobre o que é conhecer, como se conhece, o que conhecer, porque conhecer, mas um dos segredos do chamado “bom professor” é trabalhar com prazer, gostando do que se faz. A gente faz sempre bem o que gosta de fazer. Só é bem sucedido aquele ou aquele que faz o que gosta.

Portanto, a ação de ensinar, depende muito de como o professor lida com a sua profissão. Contudo, esse é mais um dos incontáveis pontos que justificam o sucesso ou não da docência na disciplina geográfica.

A conjuntura atual na qual o mundo globalizado se encaixa, também diz muito o porquê da educação brasileira está aquém do que se é esperado. Straforini (2008) diz que a crise educacional brasileira se encaixa perfeitamente no atual estágio da globalização, que se apresenta para a imensa maioria da população de maneira perversa.

Desse modo, vemos que investimentos públicos escassos para acolher as necessidades educacionais, deficiência nas condições materiais em escolas de regiões mais pobres, a baixa remuneração paga aos docentes do ensino básico, dentre outros problemas, são parte presente na realidade das instituições de ensino brasileiras, sem necessariamente se fazer comum a todo mundo.

1.3. ENSINO DE GEOGRAFIA E AS RURALIDADES

O ensino de Geografia passa por transformações devido à própria dinâmica do mundo de estar em constante modo de mudança. Essa prática pode ser encarada de forma positiva, pois pensar numa nova Geografia é se preocupar com as transformações do mundo que ocorrem concomitantemente.

A multiplicidade das escolas brasileiras é mais que evidente no que diz respeito às suas diferenças e singularidades, e isso se torna ainda mais evidente se formos olhar para o

meio rural, que é pouco questionado ou trabalhado, visando seu melhoramento. Com isso, entender o xis das questões que problematizam o meio rural e o ensino de Geografia se faz essencial, como também as suas características.

As condições do dia a dia tendem a colocar o professor diante de grandes desafios dentro e fora da escola. Mesmo não sendo os únicos responsáveis por desenvolver o ensino da Geografia em sociedade, eles são basilares para uma melhor construção de análise do espaço.

Mesmo tendo uma formação que credencia para ser professor de Geografia em qualquer lugar, isso não quer dizer que o docente irá ter propriedade para desenvolver diferentes técnicas para públicos múltiplos e plurais. Sobre a importância de entender as singularidades de cada meio no qual se ensina, Perrenoud (2001, p.135) confirma:

Pensamos, ao contrário, que os saberes do professor dependem estreitamente das condições sociais e históricas nas quais ele exerce seu ofício, e mais concretamente das condições que estruturam seu próprio trabalho em um lugar social dado. Nesse sentido, a questão dos saberes, para nós, está estreitamente ligada à questão do trabalho de ensinar no meio escolar, à sua organização, à sua diferenciação, à sua especialização, às restrições objetivas e subjetivas que ele impõe aos práticos, etc... Ela também está ligada a todo contexto social em que se insere a profissão que determina de diversas maneiras os saberes adquiridos e requeridos através dos exercícios do ofício.

Ou seja, não se pode generalizar todo um sistema que rege diversas instituições de ensino, localizadas em diferentes lugares, com pessoas diferentes, e que encaram de maneira diferente o espaço. Deixar um pouco de lado a cultura do urbano, e pensar também no rural, nas características próprias do rural, sendo professores de Geografia da roça.

Uma dificuldade que pode justificar a não aparição das particularidades do rural nas discussões mais comuns, seja o fato de ter grandes diferenças em relação ao urbano, sendo esse último colocado como modelo ideal. Essa configuração ocasionou relevantes decorrências teóricas ao ensino do rural, pois este constantemente passa a parecer como inferior, insignificante. Segundo Gómes (2002), esta maneira de analisar o rural, permitiu com que alguns adjetivos como atrasado, selvagem, rústico lhe fossem empregados. Também, esse julgamento feito muitas vezes de maneira empírica, assinalou o rural como um espaço inacessível, idílico.

O rural, dentro da sua própria esfera vem a ter várias especificidades, devido muitas vezes aos diversos modos de vivência no campo, dependendo da região na qual o campo está incluído. Em determinados lugares, o rural, na visão de Saquet 2010, p.157, vem a ser:

[...] marcado, em suas características mais gerais, pela propriedade fundiária intimamente ligada a forças e relações produtivas específicas (como instrumentos rudimentares e o trabalho familiar), indústria ainda na fase artesanal, divisão do trabalho incipiente, sua natureza exterior (com significados muitas vezes simbólicos, bucólicos, românticos [...], relações de vizinhança e ajuda mútua (cooperação), identitárias [...].

Isto é, além de ter que criar uma concepção adequada para o ensino de Geografia no meio rural, ainda tem que se pensar nesse rural múltiplo, com suas diferenciações sendo ponto de partida para adequar esse meio a sala de aula, aos discentes.

Um enfoque metodológico a respeito do rural vem ser relevante para uma obtenção de uma identidade própria, de um método de ensino voltado especialmente para o campestre, pois:

A concepção do rural como categoria da análise espacial, no âmbito da prática pedagógica do professor de Geografia, busca valorizar os saberes socialmente construídos e a história de vida dos sujeitos inseridos nessa conjuntura, a partir da contextualização dos conteúdos e sua relevância na vivência dos sujeitos. Desse modo, os professores devem fazer uso de práticas e recursos pedagógicos que favoreçam a construção de conhecimentos geográficos [...] (MEIRELES;PORTUGAL, 2012, p.103).

Se a ciência geográfica tem como objeto de estudo a análise do homem enquanto agente fomentador do seu espaço, o meio rural é arquitetado como resultado das ações humanas. Isto é posto como mais um modo de pesquisa do professor, diferente do que se vê no urbano, sendo assim inovador.

Portugal (2012) mostra que o ensino de Geografia na rede de ensino básica tenta ser desenvolvido a começar de aparelhos didáticos que possibilitem ao discente compreender o método de formação socioeconômica.

É preciso sempre rever as conjecturas metodológicas empregadas no meio escolar e estimular o ensino, buscando sempre ampliar as diversas linguagens na disciplina de geografia, para assim se obter maior sucesso no ato docente.

2 – ENFOQUES TEÓRICOS A RESPEITO DO RURAL E O URBANO

2.1 RURAL E URBANO: DEFINIÇÕES

Para compreender o que é “rural”, entende-se como relevante apontar a etimologia do termo. Para tanto, sabe-se que rural, tem sua raiz no latim: “ruralis”, correspondendo assim, a aquilo que é relativo a campo. Sua significação levantaria questionamentos complexos, porque a deliberação desse termo evoca diferentes conceitos e opiniões: desde alguns que dizem que “rural” é apenas aquilo que é diferente do urbano, até os que expõem ser esse espaço, fomentador de articulações próprias, com uma dinâmica única e nada inerente ao meio urbano. Rural, então é, o ambiente incluído no campo. B.Kayser (1990, p. 90-91) debate o espaço rural de maneira descritiva como “um modo particular de utilização do espaço e de vida social” e apresenta algumas características que o difere dos demais.

O fundamento do conceito é o calibre econômico, o rural se distingue por suas particularidades e tipos de atividade, assim sendo: uma região não urbanizada, designada a atividades da agricultura e pecuária, extrativismo, turismo rural, silvicultura ou conservação ambiental. Em geral nas zonas rurais há pouca centralização de pessoas e de construções, sendo acentuada a presença de elementos naturais como rio e vegetação. Contudo esse conceito vem a ser móvel, pois existem critérios para se definir o que é ou não rural, partindo de objetivos políticos, de estudos particulares ou dicotomia de interesses, como por exemplo, o plano diretor de um município, que define o que é rural ou urbano para institutos de pesquisa, como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), Segundo Wanderley (2001a, p.25) “a definição do rural é uma dialética: grupos e instituições o definem atribuindo sentido a estas diferenças e sua ação - notadamente política –afeta estas diferenças, cria e revela outras, às quais são atribuídos novos sentidos.”

Portanto, o rural pode ser compreendido como um território instituído pelos arrolamentos econômicos, sociais e políticos que a população do campo estabelece com a terra. Como visto, a definição do rural é variável, logo, dependendo da localidade que está sendo analisada ou vista o conceito pode ser alterado. Pois a realidade de cada lugar vai diferir de outro, e assim, provocar diferentes resultados na sua forma, dinâmica, características quando estudados. Para entender melhor qualquer fato, enquadraremos as ideias e formamos conceitos, o que não é diferente no caso de definir o rural.

Já o conceito de urbano está ligado a tudo que tem relação com a vida na cidade e os sujeitos que nela habitam, fazendo oposição ao rural, que é concernente ao campo, ou muitas

vezes, ao interior. É marcado também pela edificação contínua e pela experiência de infraestrutura urbana, que envolve a junção de serviços públicos que possibilitam a vida da população. Dentro da Geografia urbana, trazemos que o meio urbano, ao avesso do rural, possui uma dinâmica própria, jamais sendo um conjunto lógico sob o mesmo período de tempo. Isto é afirmar que de tempos em tempos, a cidade pode passar por mudanças drásticas causadas pelos próprios agentes ali inseridos, a sociedade juntamente com o espaço presente. Como afirma Santos (1989), a cidade é uma sucessão de tempos desiguais, que tem suas potencialidades e não cresce de maneira uniforme.

Assim como na exposição do que se entende por rural, o “urbano” deve ser compreendido não em uma visão limitadora, e sim a luz de uma concepção mais volúvel, pois pode ser referente a uma aglomeração de cinco mil habitantes ou de dez milhões de pessoas. Para tanto, as características adequadas do urbano são o alto número de habitantes ou alta densidade populacional, a presença de uma grande multiplicidade de infraestruturas e o acréscimo dos setores econômicos secundário e terciário. No urbano acontece uma variedade de conjuntos e marcos na atividade humana. Não eximindo a ideia de que no rural também possa haver uma grande dinâmica social, profissional, e até educacional, percebendo-se que no momento atual, com a ampla globalização presente no século XXI, há uma maior interiorização de todas essas áreas antes vistas apenas nos grandes centros urbanos.

No Brasil, o IBGE firma suas assertivas na norma legal estabelecida nos critérios políticos e administrativos que decorrem da demarcação dos perímetros urbanos pelo poder público local (executivo e legislativo municipal) para individualizar a localização dos espaços urbanos e rurais. Contudo, muitas dessas características não ficam tão explícitas nem bem determinadas. Em muitas áreas rurais, seus habitantes desenvolvem atividades de cunho urbano, e nas cidades, existem também atividades agropecuárias. Portanto, o urbano e o rural não é só uma significação de caráter, mas também uma definição técnica e legal do Estado, e segundo Moura (1988, p. 14-15) “[...] não é a cidade que, por oposição, define o campo e seus habitantes, mas sim o Estado. Este dispõe de natureza jurídica e política que disciplinam [...] na obrigação de pagar impostos, na obediência a códigos escritos que impõem uma verdade legal à propriedade da terra [...].

2.2 O QUE SIGNIFICAM RURALIDADES

O termo “Ruralidades” está intimamente ligado ao próprio conceito de “rural”. Nesse contexto os dois podem ser usados como sinônimos. São peças de um mesmo tabuleiro, onde cada jogador usa como lhe for mais favorável. Portanto, suas significações são flexíveis e dinâmicas, se desprendendo de apreciações prontas ou de um só julgamento. As ruralidades podem ser um lugar ou paisagem na qual predomina aspectos do meio rural, como a presença da agricultura, criação de animais, em detrimento ao que o permeia. Ou seja, nessa significação, o meio é rodeado por peculiaridades urbanas, sendo o campestre, apenas manchas dentro do urbano.

Esse termo foi discutido inicialmente na década de 1980, quando alguns autores debatiam sobre a identidade rural e sua relevância para o contexto da Geografia, com o intuito de reapropriação rural e construção da identidade. Biazzo (2008) encontrou em suas pesquisas, um mote para voltar a debater sobre o campestre e ressaltar que o rural é importante, e parte significativa da sociedade, estando diretamente inserido dentro do urbano e da vida das pessoas fincadas nas cidades.

Rural e ruralidades são encarados por alguns autores como Corrêa (2002) e Biazzo (2008), não como conceitos e sim, como categoria, pois se compreende que as suas significações não se resumem a uma explicação fechada, ou apenas a um autor. Como Corrêa (2002) esclarece, a variedade de apreciações é intrínseca às ciências humanas, e por isso, os termos acima citados são flexíveis, dependendo de como cada estudioso o trabalha e os utiliza. Exemplos mais comuns à ciência geográfica são as definições de território e região. Há divergências quanto às suas definições por diversos autores, variando de acordo com seus estudos e objetivos. Desse modo, a exemplo de Corrêa (2002) pode-se levar em consideração para defini-los: a sua dimensão ontológica – que faz referência à natureza do indivíduo –, a extensão epistemológica, e a dimensão metodológica.

Mais que delimitações físicas, as ruralidades se apropriam pelas relações com o modo de vida, de trabalho, e características unitárias, ou seja, as pessoas que vivem nesses espaços têm uma relação com a terra diferente das demais. Apesar de estarem inseridas no meio urbano, é um modo independente de vida, similar às zonas rurais, com pequenas plantações e criação de animais, como na agricultura de subsistência familiar. Estão vivendo na malha urbana, lidando diariamente com os problemas da cidade, na sua comunidade, e ainda assim, cultivam uma relação mais estreita com o meio rural, dada às possibilidades, pois têm a chance de terem esse trato com a terra, seja porque há presença de terrenos baldios próximos ou por apropriação indevida.

Vale ressaltar o porquê de existirem essas manchas rurais no meio urbano. Muitas tendem ser as justificativas para tal caso, porém, os mais relevantes que podem ser destacados são o fato das tais áreas não serem propícias para habitações, por decretos de lei ou por características naturais, ou por serem usadas para outro tipo de atividade, que ainda assim, não vai impedir seu uso para práticas rurais.

2.3 AS RURALIDADES VIVENCIADAS NO CONJUNTO ÁLVARO GAUDÊNCIO

As singularidades observadas no conjunto Álvaro Gaudêncio só reforçam a relevância da pesquisa sobre as manchas rurais presentes nessa comunidade. Ressaltar o valor das ruralidades para a população que ali mora e para sua vivência, mostra que a sua realidade é importante e que não se apagará ao longo dos anos.

Fig. 1 - Mostra de mancha rural localizada no Conjunto Álvaro Gaudêncio



Fonte: SOUTO, Joanderson Kerlly Gomes de. Pesquisa de campo, 2016.

As áreas consideradas de ruralidades no conjunto Álvaro Gaudêncio, basicamente cortam o seu entorno e, por isso, têm tamanha significância pelos que passam e também, pelos que ali moram. Hoje, poucas pessoas ainda fazem o trabalho de agricultura ou pecuária

extensiva, sendo esta última referente a pastos limitados, com poucas cabeças de gado e fraca atividade de agricultura familiar.

Utilizando como referência a categoria geográfica paisagem, sabe-se que ela é dotada de características naturais e também culturais, por elementos do presente e do passado também. Ou seja, a presença dessas atividades rurais vistas no conjunto Álvaro Gaudêncio, são parte integrante da paisagem daquela área. Já fazem parte do cotidiano de seus moradores, e da sua identidade quanto a situação de pertencimento deles próprios.

A mutualidade entre ser humano e meio se faz da forma mais estreita possível, mostrando que um é resultado do outro. As atividades rurais vão além do valor monetário ou de sobrevivência. A mostra exemplifica que o valor dessas manchas rurais é de grande importância para todos os moradores do popularmente chamado, bairro das Malvinas. A paisagem desenhada a partir das ruralidades presentes na comunidade é parte integrante desde a sua origem, ainda em meados da década de 1980.

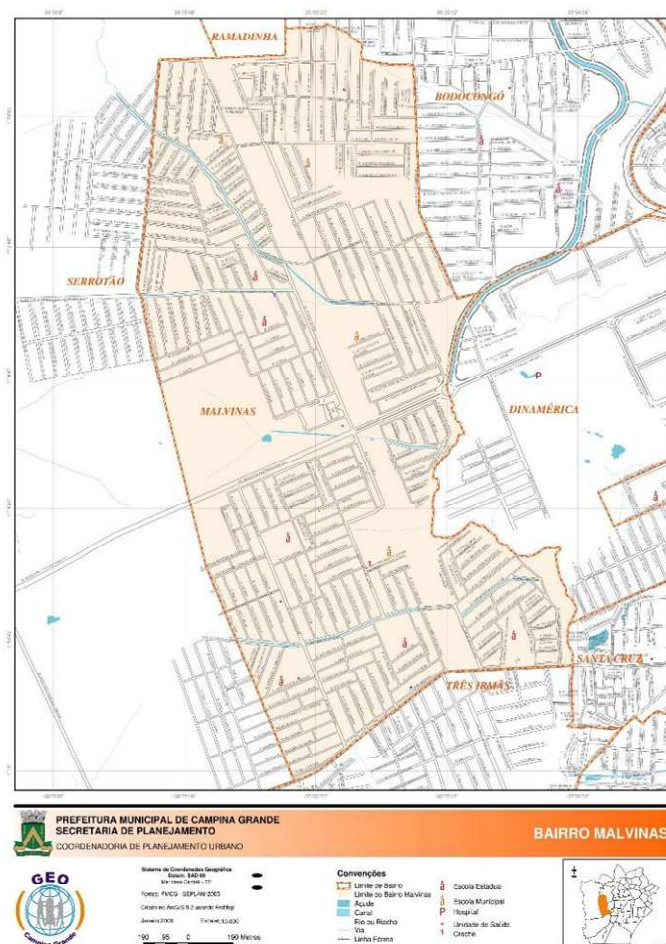
O desenvolvimento da temática gerou uma inquietação entre os moradores tidos como proprietários das manchas rurais que compõem o Conjunto Álvaro Gaudêncio. Num primeiro contato eles acreditaram que o pesquisador fosse algum representante da prefeitura que queria inquirir algum mandado de expropriação sob as terras ocupadas. Logo após, sinalizaram o descontentamento com a falta de auxílio dos seus representantes legais, afirmando que estão esquecidos nos lugares onde trabalham, e que não têm retorno monetário diante da agricultura e pecuária exercidas naquele local.

3- O CONJUNTO ÁLVARO GAUDÊNCIO E SUAS RURALIDADES

3.1 LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA ÁREA DE ESTUDO

O Conjunto Álvaro Gaudêncio está integrado ao bairro mais populoso da cidade, Malvinas, que segundo o censo do IBGE, possui 38.713 habitantes, possui uma história caracterizada por lutas, invasão e aquisições. Têm duas correntes principais sobre a população das Malvinas. A primeira que diz ter essa comunidade cerca de 40.000 mil habitantes, e outra que fala ter cerca de 80.000 mil habitantes. A justificativa para a grande diferença numérica, é que alguns conjuntos habitacionais circunvizinhos também não considerados como pertencentes a esse bairro.

Fig. 2 - Localização das Malvinas e sua delimitação.

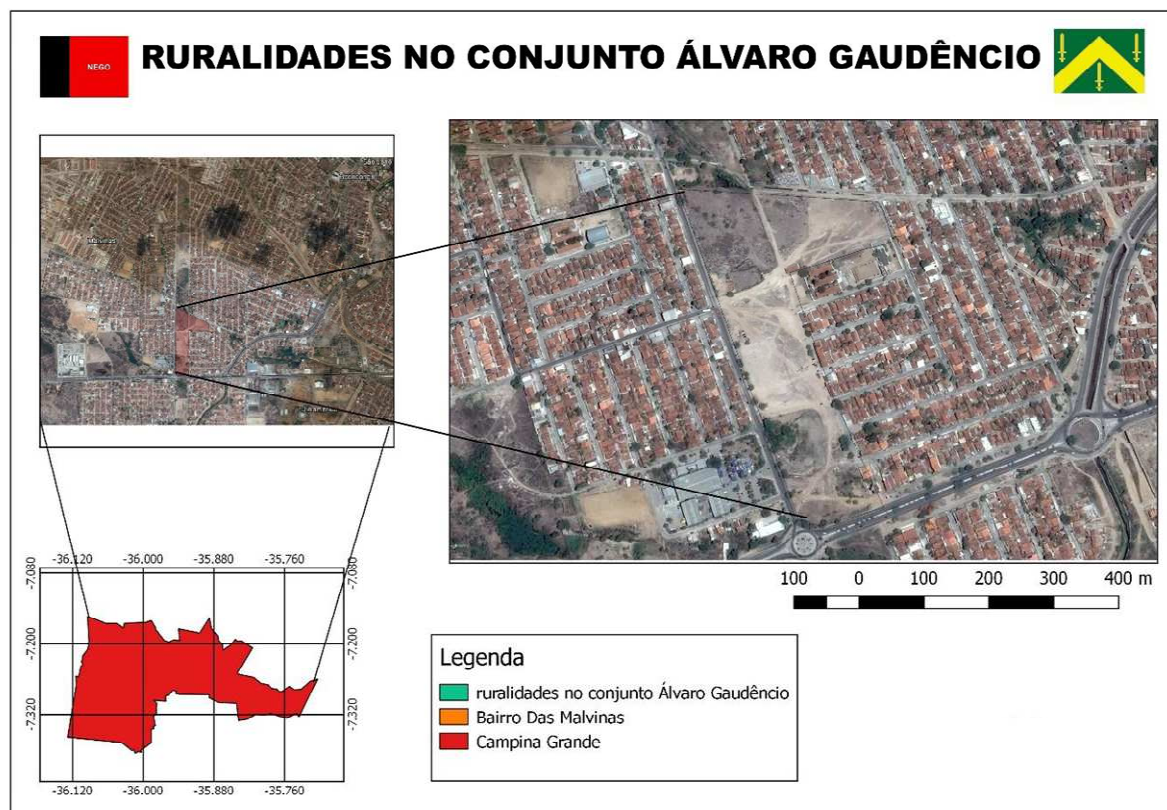


FONTE: PMCG – SEPLAN/2005.

A área de enfoque de estudo se localiza na cidade de Campina Grande, interior do estado da Paraíba, mais precisamente, dentro das Malvinas, maior comunidade da cidade supracitada. O povoado está situado na zona oeste, tendo como limites, os bairros do Serrotão,

Ramadinha, Bodocongó, Dinamérica, Santa Cruz, e Três Irmãs. Dentro do bairro das Malvinas, um conjunto habitacional se destaca por ser o mais antigo e de características únicas: a presença de atividades rurais como forma de vida de alguns de seus habitantes, mas que desenha de forma exponencial, a dinâmica do bairro. Este é o conjunto habitacional Álvaro Gaudêncio, mas comumente conhecido como o próprio bairro das Malvinas. O que seria característico, novo para outras pessoas, para a população das Malvinas já é parte integrante de seu cotidiano. Assim, cortado por essa área rural, este conjunto já convive bem com essa dinâmica (a presença da criação de animais e pequenas plantações) diferente de outros lugares da cidade.

Fig. 3 - Localização do Conjunto Álvaro Gaudêncio em relação a planta de Campina Grande.



Fonte: SOUTO, Joanderson Kerlly Gomes de. Pesquisa de campo: Adaptado do IBGE, 2016.

Começando sua história em meados de 1983, o conjunto Álvaro Gaudêncio ainda é um jovem bairro da cidade de Campina Grande, que conseguiu se destacar rapidamente no cenário municipal, por ser o mais populoso, com cerca de 38.713 moradores, segundo dados do censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), e pelo rápido desenvolvimento de suas atividades de serviço para população em geral, se tornando um tipo

de “cidade” dentro da Campina Grande. Conforme estudos referentes a Lima (2014), a história do conjunto habitacional acima citado se dá pelo fato de na época, o então governador Wilson Braga, juntamente com a Companhia Estadual de Habitação Popular (CEHAP), terem construído três mil casas com o intuito de sanar o déficit habitacional da cidade de Campina Grande, mas não teriam sido entregues ainda pelo motivo de não disporem de saneamento de esgoto, água e energia elétrica, o que pareceu uma oportunidade para uma demanda de pessoas que não tinham onde morar nem subsistir.

Então, em março de 1983, o conjunto ainda inacabado, foi ocupado por pessoas de baixa renda, que em sua maioria, eram inscritas juntamente à CEHAP, e estavam inconformadas com a demora na entrega das casas, como afirmava o jornal Gazeta do Sertão, em 27 de março de 1983:

O esperado aconteceu: cerca de 3 mil famílias de todas as classes sociais invadiram ontem o Conjunto “Álvaro Gaudêncio”, situado no bairro de Bodocongó, e que ainda, está por ser concluído. Os inconformados com a demora da Cehap na entrega das casas começaram a invasão no final da tarde de anteontem, procurando as primeiras residências que ficam próximas ao Conjunto “Severino Cabral” (LIMA, 2014, p.08).

Portanto, para a maioria das pessoas, a ocupação desse bairro se deu de maneira legítima e irrevogável, não colocando o caráter de “invasão”, pois os mesmos não tinham onde morar e já estavam à espera das casas havia um determinado tempo. Talvez assim, dando ainda mais hoje em dia, um caráter de pertencimento por parte dos seus moradores, respeitando e convivendo de forma harmoniosa com as características próprias da sua comunidade.

É nesta dimensão que se consente contar a vida do bairro como forma de corroborar o quanto o processo do que foi passado é importante para entender as conquistas vindas para a comunidade, e pelo saldo que ganhou na atualidade, como por exemplo, mercados, bancos, restaurantes, polícia comunitária, e outras conquistas que também foram sendo adquiridas com a criação da Associação de Moradores das Malvinas, fundada por Rivonise Sobreira¹.

O conjunto Álvaro Gaudêncio passou para a condição de bairro em 1987, através da Lei Municipal, número 1.542, de autoria do então vereador Márcio Rocha, na administração do prefeito Ronaldo Cunha Lima, que sancionou a mencionada lei (MIGUEL e SILVA, 2007). Com o passar do tempo o bairro foi sendo modificado, produzindo novas paisagens,

¹ MIGUEL, Agnaldo; SILVA, Francinete. Especial Malvinas 24 anos de lutas e conquistas. Campina Grande, mar 2007.

construindo novas formas, e sendo reorganizado por seus habitantes, estabelecendo uma identidade, e uma memória coletiva, que traz um sentimento de pertencimento e de conquista, como lugar de sua vida.

3.2. LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DE CAMPINA GRANDE NO ESTADO DA PARAÍBA

A cidade de Campina Grande se localiza no interior do estado da Paraíba, na mesorregião do agreste, parte oriental do Planalto da Borborema. Com uma população estimada em 407.754 habitantes, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (2016), o município é o segundo em número populacional, atrás apenas da capital do estado, João Pessoa. Sua área é de 594.182 km², sendo predominantemente urbana.

A urbanização de Campina Grande tem uma forte ligação com sua intensa atividade comercial desde meados do século XVII até hoje. Primeiramente serviu como repouso para os tropeiros que faziam o percurso do que hoje é o sertão paraibano, até a mesorregião zona da mata². Posterior a isso, o ciclo da comercialização algodoeira na cidade, impulsionou sua ascendência em nível mundial, quando Campina Grande chegou a ser a segunda maior nesse seguimento. Contudo, apenas no ano de 1864 que passou do estado de vila para cidade³.

Hoje, a cidade é conhecida por seu potencial educacional, sendo um referencial nessa área pra toda a região nordeste. Tem 07 instituições de ensino superior privadas, e é sede de três universidades públicas, sendo elas a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), e Instituto Federal da Paraíba (IFPB), esta última oferecendo cursos técnicos e de nível superior. Abarca diariamente dezenas de milhares de pessoas que vêm de cidades e até de estados circunvizinhos, pra nela estudarem, o que faz com que sua população flutuante chegue a 800.000 mil habitantes, segundos dados do IBGE.

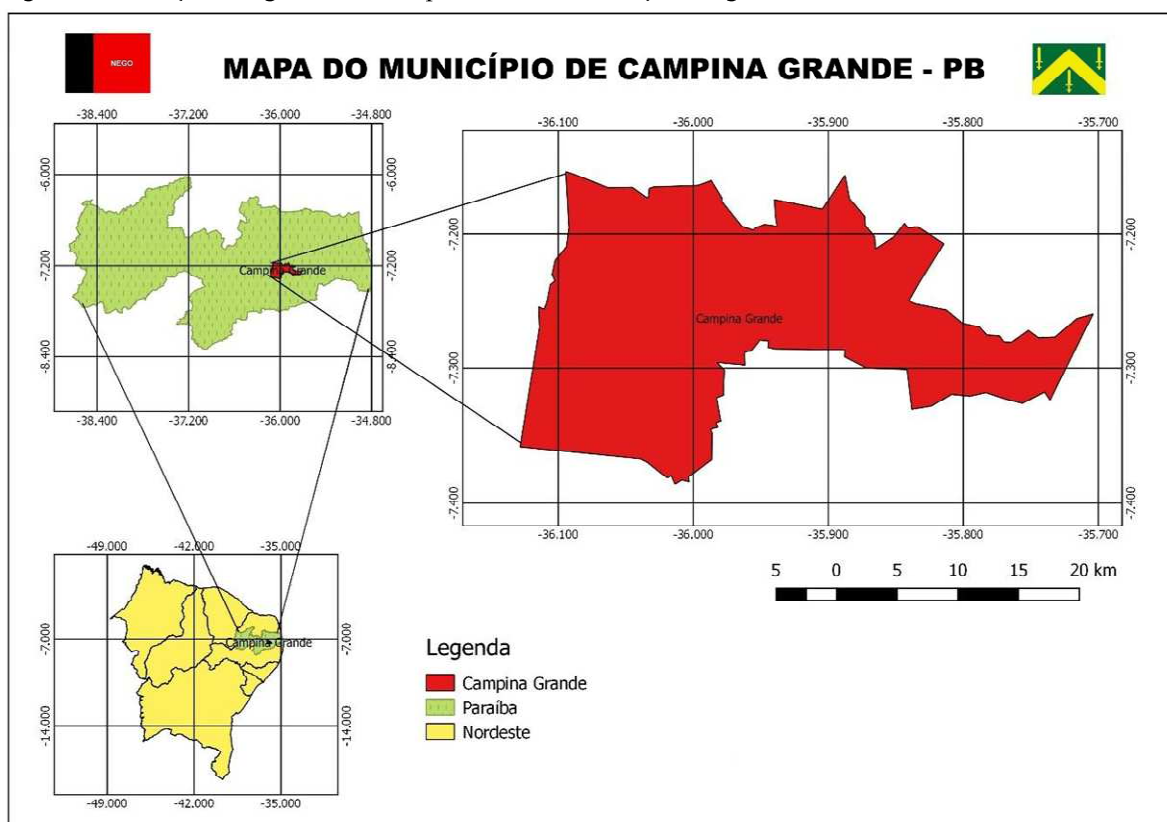
Ratificando ainda mais a posição relevante de Campina Grande no cenário nacional, a cidade se mostra como um importante pólo tecnológico da América Latina, devido ao centro de tecnologia encontrado na Universidade Federal de Campina Grande nas áreas de ciências da computação e engenharia, e a outros institutos especificamente voltados para o ramo de inovação tecnológica, como se vê no fragmento a seguir:

Doze indústrias voltadas a atividades de fabricação e serviços relacionados a informática têm sede em Campina Grande, além de empresas de confecção de material eletrônico e equipamentos de comunicação. Os dados do Cadastro Industrial da Paraíba disponibilizados pela Federação das Indústrias do Estado da Paraíba (FIEP), mostram

como a vocação para a tecnologia é um dos pontos que caracterizam a Rainha da Borborema. O secretário executivo de indústria e comércio de Campina, Marcos Procópio, associa o interesse dos empresários do ramo de tecnologia ao potencial educacional da cidade. “Basta imaginar que em um universo de 400 mil habitantes temos uma média de 30 mil estudantes universitários. Isso gera um modelo de atração muito forte”²

Campina Grande possui uma privilegiada localização geográfica em relação a importantes cidades da região nordeste, fazendo com que permita que os seus moradores transitem de maneira rápida até o litoral ou mais pro interior do estado da Paraíba, como visto na imagem que segue:

Fig. 4 - Localização Geográfica de Campina Grande em relação a região Nordeste e ao estado da Paraíba



Fonte: SOUTO, Joanderson Kerlly Gomes de. Pesquisa de campo: Adaptado do IBGE 10/2016.

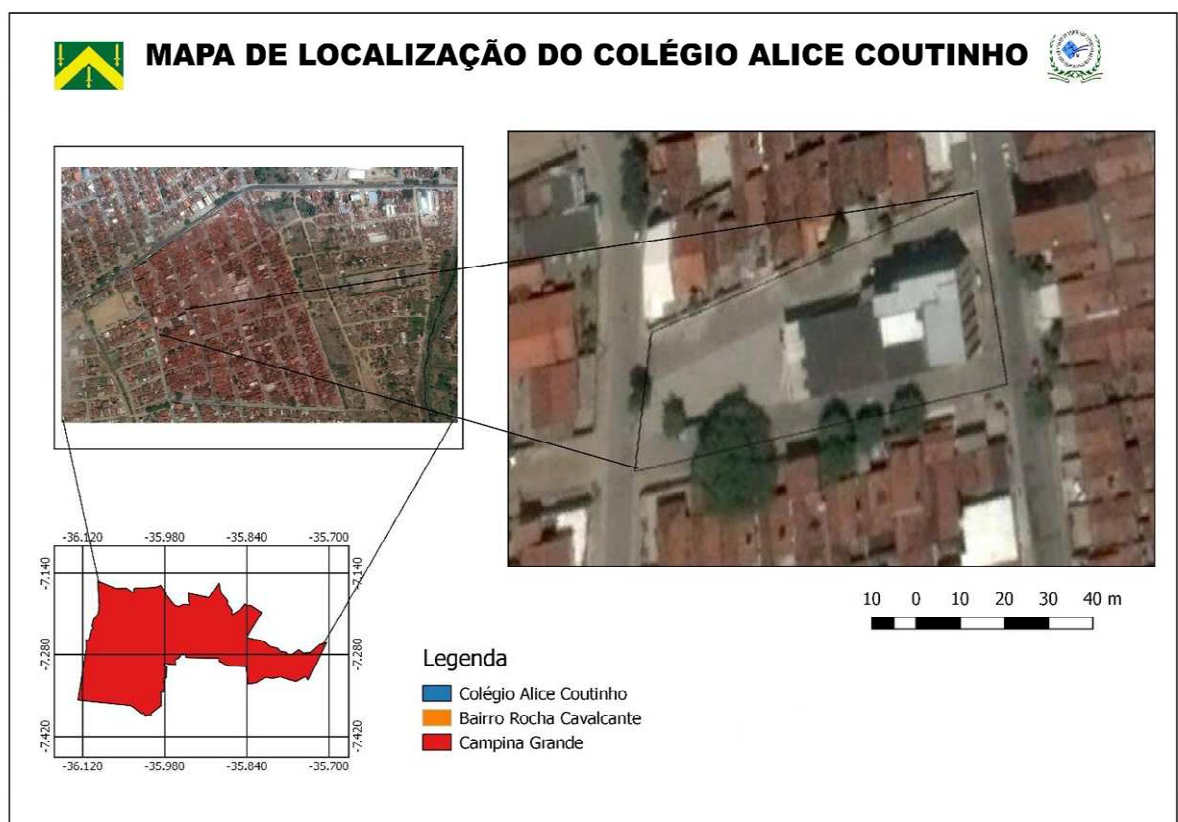
A cidade encontra-se no interior da Paraíba, no agreste do estado, na parte oriental do Planalto da Borborema, interior da região Nordeste do Brasil. Faz divisa com os estados de Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte.

²Informação composta a partir da plataforma G1 Paraíba. (Disponível em <http://g1.globo.com/pb/paraiba/rainha-da-borborema/2013/noticia/2013/10/campina-grande-tem-12-industrias-de-tecnologia-e-30-mil-universitarios.html>. Acesso em 03 nov 2016.

3.3 COLÉGIO ALICE COUTINHO

O Colégio Alice Coutinho, foi à concretização de um sonho da professora Marina Dantas. Educadora desde os 15 anos de idade lecionou em escolas particulares de Campina Grande. Em 1986, ano de sua fundação, a professora agora diretora, inicia as atividades do Colégio com as séries iniciais da Educação Infantil. Passados 30 anos, o CAC é referência em Educação, desde o Maternal ao Pré-Vestibular e vem se destacando por excelência nas áreas Pedagógica, Cultural, Social e Esportiva.

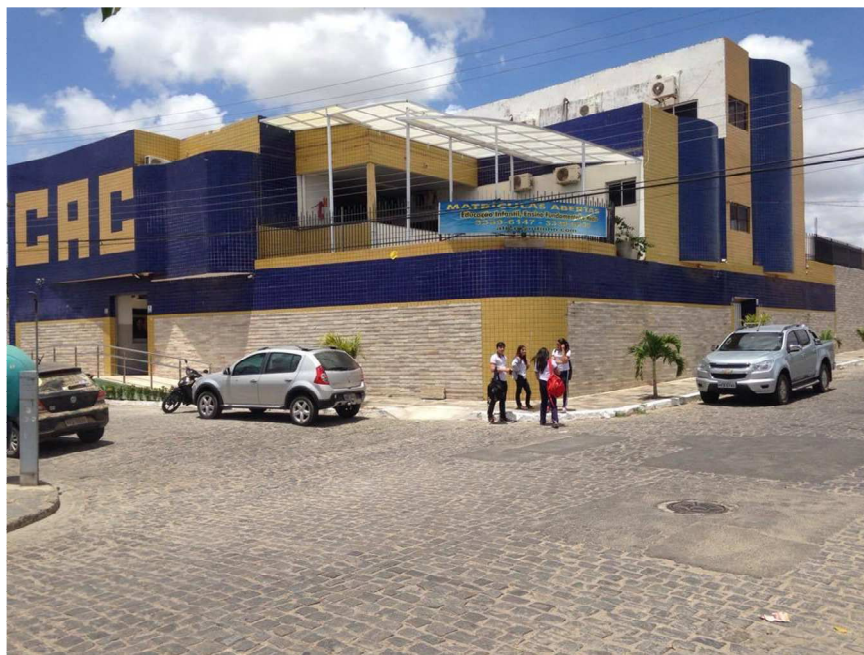
Fig. 5 - Localização Geográfica do Colégio Alice Coutinho em Campina Grande – PB.



Fonte: SOUTO, Joanderson Kerlly Gomes de. Pesquisa de campo: Adaptado do IBGE 10/2016.

O que começou em meados da década de 1980 sendo uma pequena escola voltada para a educação do ensino infantil, hoje passa a ser uma referência para toda a população presente na zona oeste de Campina Grande, recebendo alunos moradores de todos os lugares da cidade, e em especial, dos bairros do Rocha Cavalcante, Cinza e Malvinas.

Fig.6 - Vista parcial do Colégio Alice Coutinho



Fonte: SOUTO, Joanderson Kerlly Gomes de. Pesquisa de campo, 2016.

Seus educadores estimulam a responsabilidade social, intelectual, ética, afetiva, e solidária, evidenciando a prática do exercício de uma cidadania equilibrada, com preceitos próprios, mas seguindo a conjuntura pedida nos dias atuais. Com o intuito de ser um Centro de Excelência em Educação, Arte, Cultura e Esporte, o CAC tem a missão de desenvolver a autonomia intelectual, ética e crítica do educando, a partir de uma proposta de ensino-aprendizagem baseada na afetividade e construída com fundamentos científico-tecnológicos.

Através do processo de aprendizagem e desenvolvimento de sua autonomia, flexibilidade, diversidade, aprendizagem significativa e contemporaneidade em atividades dentro e fora da sala de aula, o aluno estabelece sua capacidade de analisar, relacionar, pesquisar, divulgar a cultura e sua opinião, comparar, avaliar e interpretar diferentes formas de informação e comunicação. Além disso, proporcionam um contato permanente entre Escola e Família, visando o fortalecimento do vínculo familiar com a escola, através de Eventos e Projetos.

O Ensino Médio representa na vida do adolescente, a preparação para a universidade, por meio de habilidades cognitivas que visam o desenvolvimento do conhecimento através de atividades teóricas e práticas.

Acredita-se que um ensino de qualidade não é só o que prepara o educando para o mercado de trabalho, mas aquele que incentiva a aprender a pensar, a refletir e a “saber como fazer”, priorizando a autonomia do jovem na hora de fazer escolhas e tomar decisões, para

isso, o Colégio Alice Coutinho conta com uma excelente equipe de professores, capacitados em suas áreas e dedicados a proporcionar um estudo direcionado aos principais vestibulares do Brasil. O Colégio organiza a preparação do aluno através de simulados, aulões e aulas extraclasse a universidades para conhecimento específico da profissão e seu campo de atuação.

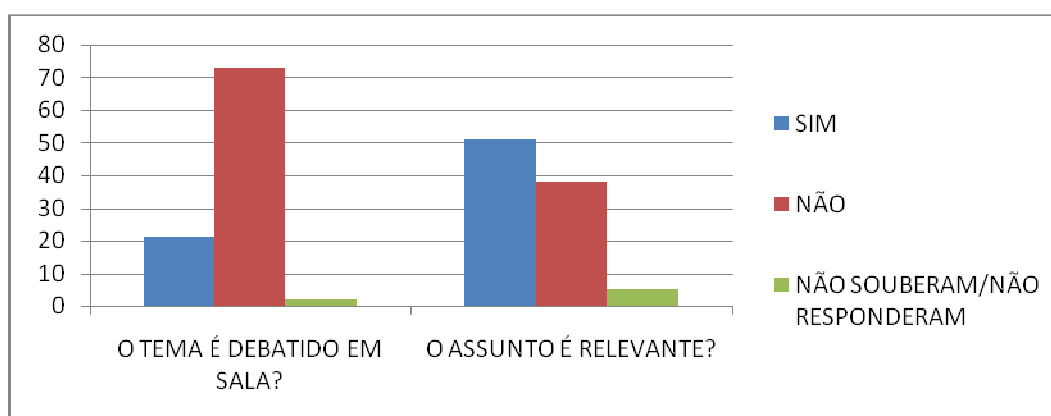
3.4 COMO É DEBATIDO O TEMA RURALIDADES NO COLÉGIO ALICE COUTINHO

A partir de levantamento de dados com os professores da instituição e seus discentes, verificou-se que a relação de estudo – de trazer os temas curriculares das séries do ensino médio mais – do global para o local, ainda não são bem exploradas na disciplina de Geografia. Ou seja, tomando como exemplo as próprias manchas rurais vistas na zona oeste do município, foi constatado que a mesma não é trabalhada em sala de aula, e tampouco gera interesse entre os alunos, o que também acaba por atingir os docentes.

As indagações trabalhadas nesse questionário, respondidas por 96 alunos das três séries do ensino médio, foram as seguintes:

1. É debatido o tema RURALIDADES em sala de aula? Você acha que o assunto tem relevância educacional?
2. Quais influências a escola e professores exercem para a comunidade na qual estão inseridos?
3. Você acha que seria importante trabalhar de forma mais estreita as manchas rurais e sua comunidade como um todo?

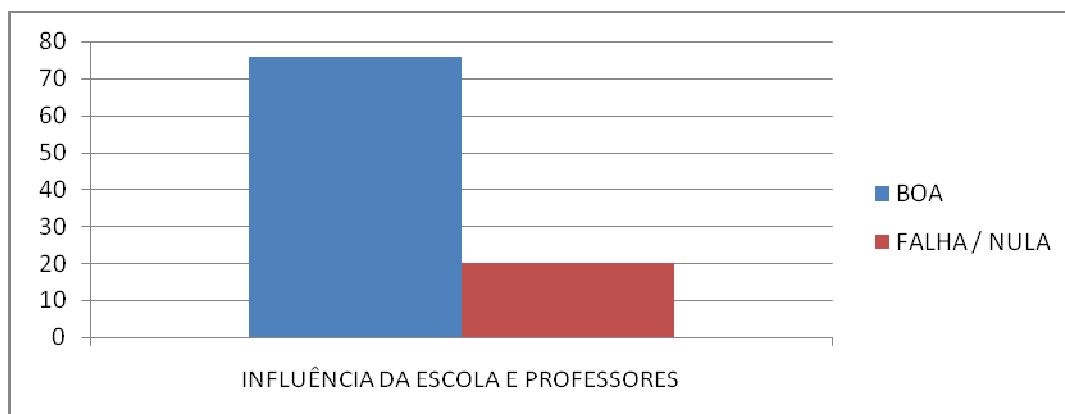
Tomando como base as respostas da questão número 1 do questionário disposto aos alunos, tivemos como resultado:



Fonte: SOUTO, Joanderson Kerlly Gomes de. 2016

Como visto no gráfico acima, foi apontado que ruralidades inserida no ensino de Geografia não é íntimo nem presente no currículo da escola, segundo os alunos. O que gera uma preocupação diante da própria inserção da vivência da comunidade em sala de aula, ou a falta dela.

Pode-se representar as respostas da segunda questão organizadas no gráfico que segue:



Fonte: SOUTO, Joanderson Kerlly Gomes de. 2016

A propósito da questão de número 3, viu-se que 82 dos 96 alunos afirmaram que desejam que a comunidade, como também as manchas rurais, sejam trabalhadas de forma mais aguda no âmbito de sala de aula, enquanto 14 alunos disseram estarem satisfeitos com a abrangência feita quanto aos temas locais.

A partir dessa mesma coleta de dados, foi visto que um pequeno número de estudantes acha que o tema ruralidades não está entre as prioridades a serem estudadas em sala de aula. Pensa que há outros temas mais pontuais, enquanto as manchas rurais no conjunto Álvaro Gaudêncio não vai os ajudar na sua formação nem na sua vivência em sociedade.

Grande parte dos alunos vivencia as ruralidades todos os dias, porém, não têm uma dinâmica de estreitamento com essa paisagem presente em sua comunidade. O tema não é trabalhado na escola, o que faz com que os estudantes não tenham familiarização com as manchas rurais encontradas no conjunto Álvaro Gaudêncio.

A inquietação gerada pelo corpo estudantil a partir da indagação do que seriam ruralidades e o motivo pelo qual elas estavam inseridas no seu espaço, foi de suma importância para em curto prazo tentar mudar o que se está instalado atualmente. Tive a oportunidade de ministrar aulas para as três turmas que compõem o ensino médio, para que o tema ruralidades fosse apresentado aos alunos de forma mais íntima. A ideia era que o assunto

os fizesse pensar sobre a ideia de valorizar o local onde estão fixados, e fomentar para a comunidade como um todo. Conhecer o seu espaço, tentar entendê-lo, e respeitar suas limitações, é relevante para a construção da identidade do discente que convive com essas manchas rurais, especificamente.

O anseio para que o cotidiano do alunado esteja inserido dentro da sua própria sala de aula é evidente, pois a partir dos questionários aplicados, se percebeu uma procura pelo lugar. A agitação dos discentes era visível, como visto na imagem a seguir:

Fig. 7: Alunos do segundo ano do ensino médio do CAC



Fonte: SOUTO, Joanderson Kerlly Gomes de. Pesquisa de campo, 2016.

A busca por assimilação dos conteúdos trazendo do global para o local é algo que cotidianamente ajuda na formação do aluno enquanto estudante da disciplina de Geografia, e esse é mais um exemplo da importância de se preocupar com as inquietações, sugestões, e o cotidiano escolar. A referência de temas mais abrangentes que abarquem grandes centros

urbanos se faz necessária porque há toda uma dinâmica que leva todos a pensar numa forma de assimilação dos conteúdos dessa maneira. Contudo, é papel do professor, instigar seus alunos a movimentar o seu espaço, analisarem a paisagem do meio no qual vivem, entender todas as coisas que o cercam.

3.5 QUAL A IMPORTÂNCIA DE ESTUDAR ESSE TEMA?

A análise de dados configura-se numa fase importante na ação de verificações na Ciência Geográfica, especialmente quando na licenciatura, se trabalha a escola, o aluno como foco da pesquisa. O trabalho indicado deve refletir o fruto da pesquisa que corrobore utilidade para a área específica e para comunidade científica, contribuindo para o progresso da ciência.

Parte-se do pressuposto de que o meio interfere diretamente na construção, da pessoa enquanto ser social. Aponta que se o indivíduo interage com singularidades ou características específicas de certo país, estado, cidade, bairro, ele vai tomar aquilo para si, direta ou indiretamente.

Somando ao fato das ruralidades serem parte do sistema da comunidade, então se faz pertinente apreender ao máximo as informações sobre o tema, para que o cotidiano da escola e dos alunos não fiquem à margem dos debates de sala de aula e aos poucos seja esquecido. Embora não esteja incluído nos currículos específicos da disciplina de Geografia até o ensino médio, as ruralidades, em determinadas situações se faz pertinente, pois ali o discente se sentirá incluído dentro da temática em sala de aula, e trabalhará na conservação da ambiência onde se estará inserido, como ratifica Junior (2005, p. 86):

A educação ambiental não é neutra, mas ideológica; é um ato político; a educação ambiental deve envolver uma holística enfocando a relação entre o ser humano, a natureza e o universo de forma interdisciplinar; a educação ambiental deve promover a cooperação e o diálogo entre indivíduos e instituições, com a finalidade de criar novos modos de vida e atender as necessidades básicas de todos, sem distinções étnicas, físicas, de gênero, idade, religião ou classe social.

Portanto, a educação, além de significativa, é real para todos os âmbitos, qualquer sociedade, independente de qual seja, pois ela vai ter suas características próprias e vai ajudar a moldar também o ser ali vivente. Partindo daí, a ambiência irá ajudar na cooperação entre indivíduos de diferentes lugares com plurais culturas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização do trabalho de campo para estudo assumiu-se o compromisso de buscar o envolvimento dos alunos e proprietários das áreas rurais com a temática em questão, assumindo a responsabilidade de exemplificar a real importância das ruralidades vivenciadas no Conjunto Álvaro Gaudêncio. Viu-se que o grande “facilitador” da existência das manchas rurais nos dias atuais é a sua própria história, que proporcionou que elas se fixassem e fizessem parte da construção do bairro e dos seus moradores.

O desenvolvimento da temática se deu de maneira abrangente por meio dos alunos da instituição de ensino estudada, como também, pelos moradores da comunidade que trabalham nestas áreas rurais, e ali cultivam pequenas plantações, criam animais e se instalam. Tomando em consideração os conceitos de rural e urbano, entendendo que essa dicotomia sempre anda em conjunto, se viu que, de fato, as manchas rurais existentes na zona oeste de Campina Grande são parte integrante dos seus moradores e dos estudantes que ali vivem. As atividades ali exercidas são parte da vida dos que nela trabalham e dos que avistam as ruralidades todos os dias.

Conclui-se, portanto, que os objetivos antes expostos foram alcançados, se exemplificando a relação de estreitamento dos alunos e moradores com as características singulares da sua comunidade, com o desejo de as manterem vivas pelos anos a seguir, mesmo com o advento de uma possível massificação urbana na cidade de Campina Grande.

REFERÊNCIAS

BIAZZO, P. P. Considerações sobre as Categorias Rural e Ruralidade em suas Dimensões de Conhecimento. *Geo UERJ*, v. 1, p. 1 – 17, 2008.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia*. 3 ed. Brasília, 2001.

CALLAI, H. C. O Estudo do Lugar e a Pesquisa como princípio de Aprendizagem. *Espaços da Escola*, Ijuí, n.47, jan/mar. 2003.

CAVALCANTI, L. S. *Geografia, escola e construção de conhecimentos*. Campinas: Papirus, 1988.

_____. *A Geografia e a Realidade Escola Contemporânea: Avanços, Caminhos, Alternativas*. Belo Horizonte, 2010.

COELI, L. *Campina Grande tem 12 indústrias de tecnologia e 30 mil universitários*. Disponível em: <http://g1.globo.com/pb/paraiba/rainha-da-borborema/2013/noticia/2013/10/campina-grande-tem-12-industrias-de-tecnologia-e-30-mil-universitarios.html> . Acesso em: 03 de novembro de 2016.

CORRÊA, R. L. *A Região e suas Dimensões de Conhecimento*. Notas sobre palestra proferida no Departamento de Geografia da UERJ, Rio de Janeiro, abril. 2002.

GADOTTI, M. *Boniteza de um sonho: Ensinar-e-aprender com sentido*. São Paulo: Grubhas, 2003.

GÓMES, S. E. *La “Nueva Ruralidad”: qué tan nueva?* Santiago: Universidad Austral de Chile. LOM Ediciones LTDA, 2002.

Jornal Gazeta do Sertão – 27 de março de 1983.

JUNIOR, A. P. E PELICIONI, M. *Educação Ambiental e Sustentabilidade*. 1ª ed. Barueri-SP. Manolie, 2005.

KAYSER (1990). *La renaissance rurale: sociologie des campagnes du monte occidental*. Paris: Armand Colin.

MARTINS, R. E. M. W. *O Ensino de Geografia em Questão: Um Olhar Sobre o Ensino Médio*, Ijuí: UPF, 2005.

MEIRELES, M.M; PORTUGAL, J. F. Entre textos, imagens e canções: a cidade da Bahia e suas geografias. In: PORTUGAL, J.F e CHAIGAR, V.A.M.(orgs.). *Cartografia, cinema, literatura e outras linguagens no ensino de geografia*. Curitiba: CRV, pp. 19-40

MIGUEL, A.; SILVA, F. *Especial Malvinas 24 anos de lutas e conquistas*. Campina Grande, mar 2007. Encarte jornalístico realizado pela prefeitura de Campina Grande em comemoração ao aniversário das Malvinas.

MOURA, M. M. *Camponeses*. São Paulo: Ática, 1988.

PERRENOUD, P. *Formando Professores Profissionais*. Vol. 1. 3 Ed. Brasília. Ministério da Educação.

SANTOS, J. F.; ALMEIDA, L. M. F. *Ensino de Língua Portuguesa na EJA: Uma ação didática de Gramática Contextualizada. Professor, pra quê serve português?: Vivências em formação docente*. João Pessoa: Ideia, 2015.

SANTOS, M. *A natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção/ Milton Santos*. São Paulo, 1989. 1ª ed, 1996.

SAQUET, M.A. (2010). Por uma abordagem territorial das relações urbano-rural no Sudoeste paranaense. In: SPOSITO, M.E.B e WHITACKER, A.M. (orgs.). *Cidade e campo: Relações e contradições entre urbano e rural*. São Paulo: Expressão Popular, pp. 157-186.

STRAFORINI, Rafael. *Ensinar Geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais*. 2ª edição. São Paulo: Annablume, 2008.

VESENTINI, J. W. *O método e a Práxis (notas polêmicas sobre Geografia Tradicional e Geografia Crítica)* Terra Livre. São Paulo. n.2. p.59-90. 1987

VLACH, V. R. F. *A propósito do ensino de Geografia em questão o nacionalismo patriótico*. São Paulo: USP 1992.

WANDERLEY, M. N. B. *A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o “rural” como espaço singular e ator coletivo*. Texto inédito, 2001^a./